

RELAÇÃO PEDAGÓGICA, DISCIPLINA E INDISCIPLINA NA SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DA REALIDADE

Adriana Rocha Vilela Arantes²³

RESUMO

A indisciplina em sala de aula e na escola é, atualmente, um dos grandes desafios colocados para os educadores. Esse fato não é de causar estranheza se considerarmos que uma das queixas frequentes que os professores apresentam quando são questionados acerca de suas práticas diz respeito às dificuldades que apresentam para lidar com as expressões de indisciplina escolar dos alunos, ou seja, é possível observar, através da fala dos professores, que eles atribuem à indisciplina escolar uma grande parte de suas dificuldades enquanto profissionais. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar a realidade da disciplina e indisciplina na sala de aula de Escolas Municipais em Anápolis, do 1º ao 5º ano. Tem como fundamentação teórica Aquino (1996), Estrela (1994), Vasconcellos (1993 e 2009) e outros. Será apresentado o campo conceitual da indisciplina e disciplina escolar fazendo reflexões sobre a diversidade de conceituações encontrada na literatura específica. Para isso, será abordado primeiramente um panorama da indisciplina escolar a fim de contextualizá-la no atual cenário educacional, uma vez que não tem mantido as mesmas características ao longo dos anos. Em seguida apresentar-se-á uma visão geral das políticas públicas educacionais aplicadas ao regime disciplinar nas unidades escolares. Será apresentada, também, uma pesquisa de campo realizada em seis Escolas Municipais do Ensino Fundamental da cidade de Anápolis - Goiás, do 1º ao 5º ano, pelas alunas do 2º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás - UnUCSHE como parte das atividades da disciplina Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na sala de aula. Foi realizada, também, uma pesquisa qualitativa utilizando entrevista semiestruturada com os diretores, coordenadores pedagógicos, professores e alunos do 1º ao 5º ano. Para finalizar, ressalta-se a importância de se considerar os diversos aspectos que envolvem a indisciplina escolar para não abordar o tema de forma reducionista ou inconsistente.

²³ Mestre em Educação pela PUC-Goiás, Professora no Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual de Goiás, Diretora Geral da Faculdade Católica de Anápolis.

Palavras Chaves: Disciplina; Indisciplina; Relação Pedagógica, Escola.

INTRODUÇÃO

A disciplina e a indisciplina ocupam espaço de relevância entre professores, pais, alunos, gestores dos sistemas de educação e também na mídia. A disciplina é uma das maiores reivindicações dos professores em termos de temática para as capacitações na formação continuada, assim como uma das maiores queixas relativas ao trabalho em sala de aula.

Na Universidade Estadual de Goiás essa discussão não foi diferente; atendendo à solicitação dos acadêmicos de Pedagogia, foi oferecida uma disciplina AEA -Atividades de Enriquecimento e Aprofundamento com o tema “Relação Pedagógica da Disciplina e Indisciplina na sala de aula”, como parte do currículo de formação do 2º ano.

Será abordada nesse trabalho a relação pedagógica da disciplina e indisciplina na sala de aula, verificando *in loco* a visão dos professores, gestores e alunos sobre o tema abordado.

Segundo Estrela (1994), a relação pedagógica é o contato interpessoal que se gera entre os intervenientes de uma situação pedagógica e o resultado desses contatos. Num sentido lato, a relação pedagógica abrange todos os intervenientes diretos e indiretos do processo pedagógico: aluno-professor, professor-professor, professor-gestor, professor - pais, alunos-funcionários. Num sentido restrito abrange a relação professor-aluno e aluno-aluno dentro das situações pedagógicas.

Nesse sentido esse artigo procurou compreender a relação pedagógica, disciplina e a indisciplina na sala de aula das Escolas Municipais de Anápolis, Goiás, nas turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, buscando analisar através de uma observação a visão dos gestores, professores, alunos e o papel da família em relação a esse tema, fazendo-se uma análise dos dados e comparando-os à realidade da escola a partir de uma visão dialética.

A análise desse trabalho será realizada a partir de uma visão dialética, assumida por Konder (1981), como o modo de compreendermos o movimento do real, a dinâmica

interna dos elementos que são negados pelo seu contrário e que, por sua vez, é negado e superado por novos elementos, em uma seqüência de afirmação e superação.

Nos últimos anos, a problemática da indisciplina tem representado uma preocupação cada vez mais generalizada no quadro dos diferentes sistemas educativos.

Apesar de a indisciplina escolar atravessar a história da Educação, ela tem adquirido maior visibilidade social de algumas décadas para cá. Deve-se considerar o processo de massificação do ensino e o aumento da concentração de alunos em espaços muitas vezes inapropriados ao fazer pedagógico nas escolas.

A metodologia desse trabalho foi de carácter qualitativo na perspectiva de Lüdke e André (1986), na qual a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Optou-se pela pesquisa qualitativa por entender que, ao se orientar pelo enfoque qualitativo, o pesquisador tem ampla liberdade teórico-metodológica para realizar seu estudo.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), os dados são interpretados e não simplesmente enumerados. Analisam-se os dados em toda a sua riqueza, respeitando-se, tanto quanto possível, os dados quantitativos por meio de reflexões sobre relações, seqüências, explicações. Eles são contextualizados de forma sócio-histórica, econômica e política para serem analisados.

O levantamento documental e bibliográfico é subsídio fundamental para a análise de conteúdos que possibilitem uma melhor explicação do texto escrito e do seu discurso ideológico (BELLONI, MAGALHÃES e SOUZA, 2001, p.55).

A pesquisa de campo foi realizada pela observação da sala de aula e da escola, de entrevistas semiestruturadas com professores, diretores, coordenadores pedagógicos e alunos. A entrevista semi estruturada, segundo Bogdan e Biklen (1994, pp.134-137)

[...] é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. [...] se assemelha muitas vezes a uma conversa entre amigos [e] o que se revela mais importante é a necessidade de ouvir cuidadosamente.

Durante nosso estudo foi importante registrar e interpretar (mediante a pesquisa qualitativa) os caminhos percorridos pelos professores. Foram realizadas

entrevistas semiestruturadas com os diretores, coordenadores pedagógicos, professores e os alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental em Escolas Municipais de Anápolis-Goiás.

A amostra ocorreu em seis Escolas municipais com os seus diretores, coordenadores, 30 professores e 60 alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

As escolas foram escolhidas entre as instituições que demonstraram interesse em participar da nossa atividade. Os alunos foram selecionados pelos professores, sendo 50% considerados disciplinados e 50% indisciplinados.

1. INDISCIPLINA, DISCIPLINA: RELAÇÃO PEDAGÓGICA NA SALA DE AULA

De origem latina e tendo a mesma raiz que discípulo, o termo disciplina é marcado pela sua polissemia.

De acordo com Estrela (1994), o termo disciplina, além de designar um ramo do conhecimento ou matéria de estudo, tem assumido ao longo do tempo diferentes significações: punição; dor; instrumento de punição; direção moral; regra de conduta para fazer reinar a ordem numa coletividade; obediência a essa regra.

A autora afirma ainda que o conceito de indisciplina relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende normalmente a ser definido pela sua negação ou privação ou pela desordem proveniente da quebra de regras estabelecidas.

Para Vasconcellos (2009), o vocábulo disciplina deriva do latim (*discapare*, captar claramente; *disceptare*, discutir alguma coisa; *discipulus*, aluno; disciplina, ensino, doutrina, ciência), usado normalmente para se referir a um domínio limitado do saber e sua representação didática.

De acordo com esse professor (1993), o conceito de disciplina, para a maioria dos educadores, é entendido como adequação do comportamento do aluno àquilo que o professor deseja. Só é considerado disciplinado o aluno que se comporta como o professor estabelece. O aluno indisciplinado é aquele caracterizado como desobediente.

O autor coloca que o conceito de disciplina é associado à obediência, está muito presente no cotidiano escolar, suas causas podem ser encontradas em cinco grandes níveis: Sociedade, Família, Escola, Professor e Aluno.

É importante observar que estes níveis devem se apontados como orientação para investigação, para não perder de vista os diferentes fatores de interferência, não devem ser colocados em grau de importância ou de determinação de cada um desses níveis pois o problema encontra-se na atual organização da sociedade, base de todas as outras indisciplinas.

A indisciplina escolar não tem mantido as mesmas características ao longo dos anos, ou seja, ela não pode ser considerada como um fenômeno estático, uma vez que se diferencia daquela observada em décadas anteriores (GARCIA, 1999).

Nesse sentido, Aquino (1996, p. 43) afirma que em uma “suposta educação de antigamente ” as relações escolares eram permeadas por medo, coação e até mesmo uma subserviência, o que demonstra que essas relações eram determinadas em termos de obediência e subordinação.

Vasconcelos (2001) complementa esta questão ao afirmar que atualmente, ao contrário do que acontecia no passado, o aluno passou a ser o centro do processo de aprendizagem, no qual seu desenvolvimento social e sua formação passaram a ser prioridades do cotidiano educacional. Com isso, houve mudanças na relação professor-aluno e na própria visão da escola.

Apesar do tempo que se perde em sala de aula com a indisciplina escolar e do quanto isso tem perturbado os educadores no sentido do desgaste gerado pelo trabalho em um clima de desordem, pela tensão provocada em função de uma atitude defensiva, pela perda do sentido da eficácia e a diminuição da auto-estima pessoal que leva a sentimentos de frustração, desânimo e ao desejo de abandono da profissão, os professores muitas vezes têm adotado uma posição de conformismo e comodismo que pode ser observada quando afirmam que o problema da indisciplina sempre existiu e sempre vai existir (ESTRELA, 1994; VASCONCELLOS, 2009).

Nos últimos tempos a indisciplina escolar vem inquietando educadores de todo o país, tornando-se um grande desafio permeado de muitas complexidades, a falta de limites, desrespeito aos direitos dos outros além da incompreensão das regras de convivência e atitudes.

Além disso, as próprias políticas e formas de gestão da Educação no Brasil estão atravessando uma época de grande transição (GARCIA, 2002). Essa

questão se torna explícita quando, entre os artigos que compõem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação- LDB nº 9.394/96, encontra-se o que prevê que a Educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando e o seu preparo para o exercício da cidadania (Art. 2º).

Entre os princípios propostos pela LDB, encontram-se a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber, além do respeito à liberdade e apreço à tolerância. Dessa forma fica clara a necessidade de as escolas estarem preparadas para formarem alunos de acordo com as exigências da legislação e das diretrizes vigentes neste País.

1.1 Indisciplina: direitos e deveres

Numa síntese conceitual, a indisciplina escolar apresenta-se como o descumprimento das normas fixadas pela escola e demais legislações aplicadas (ex. Estatuto da Criança e Adolescente -Ato infracional). Ela se traduz num desrespeito, "seja do colega, seja do professor, seja ainda da própria instituição escolar (depredação das instalações, por exemplo).

A atual Constituição Federal do Brasil, no artigo 227, estabeleceu como dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, dentre outros direitos, a educação.

O Estatuto da Criança e do Adolescente tratou, em capítulo específico, do direito à educação estabelecendo seus objetivos, os direitos dos educandos, as obrigações do Estado, dos pais e dos dirigentes dos estabelecimentos de ensino fundamental (ECA, Cap IV, arts. 53- 59). No referido capítulo, não há qualquer referência à questão disciplinar envolvendo o educando. O Estatuto apenas procurou tomar exequível a norma constitucional quanto ao direito à educação.

Neste aspecto, aponta relevante o princípio a ser obedecido, posto que, repetindo a norma constante do artigo 205 da Constituição Federal, também consagrada no artigo 2º da Lei 9394/96 -Lei de Diretrizes e Bases da Educação, estabeleceu o Estatuto da Criança e do Adolescente (artigo 53) que a educação visa ao preparo para o exercício da cidadania.

As normas disciplinares previstas no Regimento Escolar devem ter coerência com seu projeto pedagógico e devem estar de acordo com as políticas públicas educacionais.

Na elaboração das normas de boa convivência no ambiente escolar deverá ser observado o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.068 de 1990, sobretudo em seus artigos 53 e 56. O educando, criança ou adolescente, é sujeito de direitos e deveres. Para que haja uma verdadeira comunidade escolar é imperativo que os direitos sejam garantidos e os deveres cumpridos.

O Regimento Escolar das Escolas Municipais de Anápolis prevê, na Seção dos direitos e deveres, atos infracionais e penalidades do pessoal discente no que tange os deveres no artigo 60, inciso “IV - abster-se de atos que perturbem a ordem, a moral e os bons costumes ou importem em desacato às leis, às autoridades constituídas, quando no desempenho de suas atividades”.

No inciso IX propõe ao aluno “tratar com civilidade e respeito os colegas, professores e demais servidores da Unidade Escolar”.

Destaca-se no Art. 61, que trata da indisciplina, o que é vedado ao educando:

I - entrar em classe ou dela sair, durante a aula, sem permissão do professor;

II - ocupar-se, durante a aula, de qualquer atividade que não lhe seja alusiva;

V - promover algazarra e distúrbios nas imediações, nos corredores, nos pátios e em outras dependências da Unidade Escolar;

VI - trazer consigo material estranho às atividades escolares, principalmente os que impliquem riscos à saúde e à vida;

VII - cometer injúria e calúnia contra colegas, professores e demais funcionários;

Pela inobservância ao disposto neste Regimento o educando estará sujeito às seguintes penalidades: Advertência; Repreensão escrita; Suspensão, com tarefas escolares, de no máximo 2 (dois) dias letivos, e/ou com atividades alternativas na instituição educacional.

Quando for comprovada inadaptação ao regime da instituição educacional, quando o ato for aconselhável para a melhoria do desenvolvimento do educando, da garantia de sua segurança ou de outros, o aluno poderá ser transferido daquela instituição.

Toda escola pública deve ter um regimento interno, de conhecimento geral, que contemple os direitos e deveres dos alunos. Esse regimento deve ser claro e de conhecimento de todos os alunos para se poder exigir o seu cumprimento.

Para Vasconcellos (1993), os regimentos disciplinares escolares já começam logo com as punições a serem dadas no caso de infrações. Isto foi aprendido, ao que parece, com leis existentes na sociedade.

De acordo com esse autor a postura da escola deve ser de procurar conscientizar. Trabalhar com a formação do ser humano, ou seja, não pode considerar, como espaço social em geral, que o sujeito já sabe o que fazer, portanto, se cometer uma infração já deve ser punido.

O autor afirma que os alunos que apresentam problemas de disciplina precisam de uma ação educativa apropriada: aproximação, diálogo, investigação de causas, estabelecimento de contratos, abertura de possibilidades de integração no grupo etc e no limite, se for necessário, a sanção de reciprocidade, qual seja uma sanção que tenha a ver com o comportamento que está tendo.

1.2 Análise da realidade: a indisciplina na sala de aula

Serão analisadas as entrevistas realizadas pelos alunos do 2º ano curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Ciências Sócio Econômicas e Humanas-Anápolis com as diretoras, coordenadoras pedagógicas, professoras e alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental das Escolas Municipais de Anápolis, Goiás.

A turma de 30 alunos pesquisadores foi dividida em seis grupos, cada grupo indo para uma escola municipal diferente, sendo que a maioria dessas instituições já são campo de estágio para os acadêmicos de Pedagogia. Cada equipe dividiu-se em entrevistar a diretora da unidade escolar, a coordenadora pedagógica, as professoras e alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Foram ouvidas seis diretoras e coordenadoras pedagógicas das Escolas Municipais de Anápolis. As professoras têm como formação inicial o curso de Pedagogia e pós-graduação *Lato-Sensu*, já percorreram um caminho no processo educacional, sendo profissionais com experiência de, no mínimo, cinco anos.

1.2.1 Gestores das Unidades Escolares

Foi possível observar que a sociedade está mudando, o que traz reflexos e desafios para a escola. É muito importante que a escola assuma suas responsabilidades específicas na formação dos alunos e invista na formação continuada dos professores.

Para Barbosa (2010), um dos grandes impasses que se coloca para a escola hoje é sua efetiva função social. Diante da crise de identidade, é fundamental que a comunidade educativa procure recuperar o sentido da escola, do estudo, elaborando e explicando sua proposta educacional (Projeto Educativo). A escola deve cumprir importante papel na construção da autonomia e de valores como a solidariedade e o respeito ao bem comum, o aprendizado do convívio com as diferentes culturas, identidades e singularidades.

Ao serem entrevistadas sobre a questão que trata dos desafios da indisciplina as gestoras concordaram que nos últimos tempos a indisciplina escolar vem inquietando educadores de todo o país, tornando-se um enorme desafio permeado de muitas complexidades como a falta de limites e o desrespeito aos direitos dos outros, incompreensão das regras de convivência e atitudes que não combinam com atividade em grupo, levando-as a investigar mais profundamente esses desafios.

De acordo com Leontiev (1991), há necessidade de se dar um sentido novo ao conhecimento: é necessário conhecer e considerar as características das crianças e seus contextos no seu processo de formação social e pessoal.

Vasconcellos (1993, p.54) afirma que, “antes de tudo, cada aluno deve estar convencido de que a disciplina é a melhor forma para lograr o fim que persegue a coletividade”.

Ao perguntar as entrevistadas acerca de quando a formação de boa conduta na escola ocorre, responderam: “todos que fazem parte do processo de ensino – aprendizagem se envolvem em busca de soluções para o problema existente. Acrescentaram, ainda, que tanto os docentes quanto os discentes conhecem seus direitos e deveres. Conhecem princípios de solidariedade e responsabilidade para com os direitos dos outros”.

Para Estrela (1994) a (in) disciplina pode ser pensada como negação da disciplina, ou como desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas pelo grupo; é, sobretudo, o professor que produz e comunica normas sociais que julga necessárias para exercer sua ação pedagógica, e assim prescreve determinadas posturas e regras a serem aceitas, muitas vezes sem a devida discussão com os alunos, e sem que aquelas atendam às suas expectativas e necessidades.

É essencial que se restaure a disciplina em sala de aula, que se faça desse valor um objetivo a se perseguir, não para que a sala se isole da sociedade e também não para que a aula do professor fique mais confortável, mas antes para que ali ao menos se aprenda como tentar modificar o caos urbano que o desrespeito social precipitou.

Outro questionamento feito às entrevistadas foi se a família é o núcleo fundamental na formação dos seres para o convívio social, responderam que: “o diálogo é fundamental para um bom convívio familiar. E algumas coordenadoras concordam que cabe à família introduzir as primeiras lições de cidadania e de respeito ao próximo e dar exemplo de conduta inadequada para o convívio em sociedade”.

Segundo Vasconcellos (1993), percebe-se que cada vez mais os alunos vêm para a escola com menos limites trabalhados pela família. Muitos pais chegam mesmo a passar toda responsabilidade para a escola. “Pode bater, pode fazer o que quiser, eu já não posso mais com ele”. Mediante as suas remotas experiências como estudantes e a desorganização da classe que os filhos relatam, os pais acabam exigindo da escola uma postura autoritária. É preciso ajudá-los a compreender que existe uma outra alternativa que supera tanto o autoritarismo quanto o espontaneísmo. Deve-se esclarecer aos pais a concepção de disciplina da escola, de forma a minimizar a distância entre a disciplina domiciliar e escolar.

Freire (1981, p.4) afirma “nunca dizer um não para um filho sem dizer porque. Por amor ao seu filho, fundamente o não que diz a ele”.

As entrevistadas afirmam que os alunos gostam de aprender, têm curiosidade, mas não suportam a imposição do conhecimento, pois isso gera o fato do espaço escolar não estar sendo o centro da criação da divulgação de ideias, tornando-se cansativo, repetitivo e insuportável, desestimulando o aluno, pois eles não suportam a mesmice da sala de aula.

As escolas, de modo geral, devem investir em formação ética no convívio entre alunos, professores, e funcionários para vencerem as questões indisciplinadas que tanto afetam a aprendizagem e a conseqüente promoção dos alunos.

A escola precisa estar atenta à organização significativa do trabalho pedagógico. E, para que essas experiências sejam bem sucedidas, deve ser respeitado o ritmo, o tempo e as experiências dos estudantes

Foram questionadas em relação aos muitos fatores indispensáveis na atividade de concentração e atenção dos alunos na sala de aula, sobre o que reduz as interferências, desobediências e conversas inadequadas; responderam que todas as

alternativas estavam corretas. Disseram que a motivação dos alunos para a aprendizagem se consegue através de conteúdos compreensíveis para eles, conjunto de normas e exigências que vão assegurar o ambiente de trabalho favorável ao ensino e controlar as ações e o comportamentos dos alunos e desenvolver neles a capacidade e habilidade de pensarem por si próprios.

Para as gestoras a questão sobre a indisciplina não é só um problema da escola pois envolve: o âmbito familiar no seu contexto de vida, o convívio em grupo de amigos, aspectos sócio-interacionais entre escola e família.

Vasconcellos (1993, p. 91), afirma que

deve-se acompanhar sempre a vida escolar e não apenas quando o filho tem “nota vermelha”. Ainda existem pais que diante dos resultados não satisfatórios na escola ameaçam ou chegam mesmo a espancar fortemente os filhos. Com isto, não resolvem o problema e ainda criam uma enorme barreira com as crianças. Se a criança está indo mal, é preciso ver qual a causa, para isto a receita mágica : diálogo. Não comparar nota de um filho com outro ou com filhos de outros, cada criança deve ser comparada a si mesma. Supervisionar o estudo dos filhos (horário, local, material etc), não fazer por eles.

Para Aquino (1996) “é impossível negar, portanto a importância e o impacto que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o indivíduo. Entretanto, seu poder não é absoluto e irrestrito”. Para resguardar a efetividade de sua função educativa, a estrutura familiar precisa adaptar-se às circunstâncias novas e transformar determinadas normas sem deixar, no entanto, de construir um modelo de referência para os seus membros.

Estamos vivendo uma crise dos próprios valores e dos próprios limites do comportamento humano. Os pais ou responsáveis estão tendo muitas dificuldades em impor limites em consequência de sua ausência em casa e sua saída para o mercado de trabalho, o que buscam suprir por um consumismo exacerbado.

Ao serem perguntadas sobre “como a escola está interagindo com a família”, responderam: participando de um projeto comum na formação educacional da criança e do adolescente, fazendo-se necessário o esclarecimento mútuo de direitos e deveres à família pela equipe pedagógica.

Para Aquino (1996), a parceria e a cumplicidade com os pais dos alunos, seus familiares, melhora consideravelmente a imagem da escola e o seu vínculo com o entorno. Esse envolvimento representa que a educação está se realizando com sucesso, apoiada no binômio escola-família uma vez que não se aprende só na escola.

A atuação docente é de vital importância quando: O professor leva o aluno a refletir sobre sua própria conduta.

Para Vasconcellos (1993, p. 61)

Professor é um dos principais agentes de mudança da disciplina (ou um agente privilegiado); 1- Por estar em contato direto com os alunos, no *locus* privilegiado onde se manifesta o problema; 2- Por ser um profissional da educação; 3- Por ser -potencialmente -um dos interessados em resolver este problema (em função do elevado desgaste que sofre).

O professor é o coordenador do processo de ensino-aprendizagem. Deve assumir seu papel de agente histórico de transformação da realidade.

1.2.2 Professores das turmas do 1º ao 5º ano das unidades escolares

Foram pesquisados 30 professores, de seis escolas municipais que atuam do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

No discurso dos professores, uma das coisas que se destacou, para além do conteúdo semântico, é o conteúdo emocional, a carga afetiva que acompanha suas manifestações.

Indagadas sobre os fatores que estão por detrás da indisciplina, responderam: “necessidade de se sentir superior em relação aos outros; falta de atenção e afeto por parte dos pais; aulas monótonas”.

Para Estrela (1994) é claro que tudo isto tem a ver com a (in) disciplina em sala de aula, o que demanda a atuação dos educadores de maneira organizada e articulada em todas as frentes. Mais isto, de forma alguma, deve servir de alibi para que o educador não assuma sua responsabilidade em sala de aula. Simultaneamente pode-se e deve-se trabalhar com os pais, com formação mais geral do aluno, com as contradições da escola, com a influência da sociedade etc, mas não se pode esquivar de um dos focos principais da luta que é a sala de aula. O professor tem que ser sujeito da história pedagógica de sua classe e de sua escola, não pode ficar sonhando com alunos ideais, com alunos diferentes.

Um dos aspectos mais discutidos hoje na escola é as consequências da disciplina: as professores afirmaram decréscimo na produtividade da turma e todos concordaram que isso dificulta a própria aprendizagem do aluno disciplinado.

De acordo com Vasconcellos (2009), o professor deve ter clareza de seu papel, ter firmeza quanto à sua postura em relação à disciplina. Como foi visto, um dos pontos de estrangulamento para a construção da disciplina são as duas posturas extremas: de um lado, o professor que superestima seu papel (convicto demais, dogmático, fechado), às vezes até por defesa, por não ter realmente clareza de qual o seu papel, por outro, o professor que subestima seu papel (inseguro, desorientado, não convicto, culpado, fruxo, mole).

Sobre as formas de prevenir a indisciplina, algumas apontaram a importância da necessidade de autoconhecimento por parte do professor; outras, a importância de um bom relacionamento interpessoal; e ainda a necessidade da intervenção por parte dos alunos na tomada de decisões sobre o funcionamento da escola.

Para Estrela (1994), o comportamento distante do professor, a despersonalização da relação originada pelo professor que ignora o nome do aluno, a brandura quando é esperada a força, são algumas situações que suscitam a retaliação do aluno.

Perguntou-se a três professoras o que deveria ser feito para contornar a indisciplina. As responderam foram:

Professora A: Regras devem ser elaboradas com a colaboração da turma. As regras devem ser obedecidas para o aluno não precisar ser punido. A família deve estar ciente da disciplina do aluno para apoiar a escola. O professor e os alunos devem ter um bom relacionamento.

Professora B: Ter mais apoio familiar, e também apoio da equipe pedagógica com punições para os alunos que não conseguem seguir as regras de um bom convívio com os professores.

Professora C: A escola deve buscar uma parceria com os pais das crianças indisciplinadas visando à solução de problemas.

Refletindo sobre as respostas das professoras percebe-se a necessidade de um bom relacionamento com os alunos, com a família e com a equipe pedagógica da escola. É necessário propiciar um ambiente de boa convivência.

1.2.3 Alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental

Foram entrevistadas 60 crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental das escolas Municipais de Anápolis. Essas crianças representam 10% do total de crianças desse turno.

Para melhor identificarmos as respostas das crianças entrevistadas classificamos as crianças como C 1-crianças do 1º ano, C 2-Crianças do 2º Ano, C 3- Crianças do 3º ano e C 4- crianças do 4º ano, C 5 - Crianças do 5º ano.

Ao serem questionadas sobre a Importância da escola na sua vida as crianças responderam que é muito importante, com exceção de uma criança do 1º ano que a considera pouco importante.

“O silêncio nas aulas é absoluto e, fora delas, contido. Os movimentos corporais por sua vez, são completamente esquadrihados: sentados em sala, e em fila fora dela” (AQUINO, 1996, p. 43).

Quando perguntamos Quais são os tipos de aula que mais a motivam, as crianças C1, C3 e C5, indicaram as aulas em que realizam trabalhos em grupo, as crianças C2, consideram mais motivadoras as aulas interativas e, por fim, as crianças C4 sentem-se mais motivadas com a utilização de recursos multimídias.

Na opinião de Arroyo (2004) os alunos já não são os mesmos, porque não encontramos nas escolas aqueles sujeitos que idealizamos em nossos cursos de formação: ingênuos, doces e bondosos. Para esse autor, como alimentamos essa imagem de aluno ideal torna-se inadmissível uma sala de aula que não seja composta por sujeitos ordeiros e passivos. Tudo vem piorando a condição da infância e adolescência e também as condições de trabalho dos docentes.

Vasconcellos (1993) diz que se deve exigir de um professor que seja humano nas relações e competente no saber e não um disciplinador, exigir um ensino significativo e participativo, aulas bem preparadas.

O professor deve desenvolver o senso de responsabilidade coletiva pela aprendizagem, assumir a responsabilidade coletiva pela disciplina em sala de aula, participar ativamente das aulas.

A maioria das crianças C1 e C5 classificaram o ambiente na sala de aula como Disciplinado, porém as demais crianças classificaram seu ambiente como Indisciplinado.

Ainda na visão de Vasconcellos (1993), normalmente o professor se preocupa em demasia com as exigências relativas ao aluno: a disciplina, mas esquece de se preocupar com a contrapartida necessária: um ensino significativo, participativo. Com o tipo de curso que propõe /impõe - desvinculado da realidade, passivo – o professor acaba sendo um dos mais sérios fatores indisciplinadores. Muitas vezes as crianças não conseguem verbalizar o que estão sentindo, mas sinalizam com seu corpo, com seu comportamento. O fato de quererem ir toda hora ao banheiro deve significar algo para o professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos fatores indisciplinadores estão relacionados aos alunos e à família. Isto não quer dizer que eles sejam os maiores responsáveis pela indisciplina mas, sim, que sofrem reflexo de todos os outros fatores.

A partir da análise desse trabalho é importante ressaltar que as causas da indisciplina podem ser encontradas em cinco níveis: Sociedade, Família, Escola, Professor e Aluno.

No processo de construção da disciplina escolar a família tem importante papel, seja no sentido de buscar conjuntamente alternativas de superação de problemas, seja porque no lar se encontra, em alguns casos, a origem das primeiras distorções em termos de comportamento e a postura da família colabora para a reprodução ou para a transformação de atitudes.

Na escola, o projeto educativo é fundamental para oferecer uma definição bem clara da proposta educacional, devendo oferecer condições físicas favoráveis e adequadas às necessidades dos alunos e professores, promovendo formação continuada para se discutir a relação pedagógica da disciplina e indisciplina na sala de aula e na unidade, integrar professores, equipe técnica e pedagógica, alunos, família e sociedade.

É importante e determinante que as normas sejam claras e que se mantenha uma postura de diálogo diante das diferentes situações disciplinares e indisciplinadas.

Em relação à Equipe pedagógica, percebe-se a preocupação de resolver o problema da indisciplina procurando apontar a família e o professor como responsáveis. A família deveria estar mais presente e apoiar as regras estabelecidas na instituição e o professor buscar ministrar aulas mais motivadoras.

Os fatores relacionados à situação do professor em relação à disciplina e indisciplina é possível observar nas falas das professoras: muitas vezes a falta de clareza e de firmeza da proposta pedagógica, os conteúdos desvinculados da vida e realidade dos alunos, metodologia não participativa em sala de aula, uso de coerção para a disciplina , peso da rotina, a falta de apoio da família e da equipe pedagógica da escola.

Ao aluno existiu ainda uma dificuldade de analisar a posição dessas crianças considerando que a idade variou entre seis e nove anos. Percebe-se uma posição individualista, incapacidade de perceber o todo em relação à indisciplina. “Eu sou disciplinado”, “Eu sou indisciplinado”.

A compreensão da questão da disciplina e indisciplina na sua totalidade ainda requer mais discussões e análise sobre o tema, sendo um desafio para a escola, família e sociedade.

TEACHING RESPECT, DISCIPLINE AND INDISCIPLINE IN CLASSROOM: AN ANALYSIS OF REALITY

ABSTRACT

The indiscipline in the classroom and in the school is currently one of the major challenges for educators . This fact is not cause surprise if we consider that one of the frequent complaints that teachers when questioned about their practices with regard to the difficulties they have to deal with the expressions of school indiscipline of students , ie you can see through speech teachers , which they attribute to the school indiscipline a big part of their difficulties as professionals . In this sense , this article aims to analyze the reality of discipline and indiscipline in the class room Municipal Schools in Annapolis , from 1st to 5th grade . Its theoretical foundation Aquino (1996) , Star (1994) , Vasconcellos (1993) , Vasconcellos (2009) and others. The conceptual framework of discipline and school discipline his reflections on the diversity of concepts found in the literature will be presented . This will be addressed primarily an overview of school discipline in order to contextualize it in the present educational scenario, since it has not maintained the same characteristics over the years . Then an overview of educational public policies applied disciplinary measures at schools will present itself - . Will be also presented a field research in six Municipal Schools Elementary School Annapolis , from 1st to 5th grade , by students of the 2nd year of Pedagogy , State University of

Goiás - UnUCSHE as part of the activities of the discipline Pedagogical Relation , Discipline and indiscipline in the classroom , taught by Professor MSc . Adriana Rocha Vilela Arantes . It was also held one qualitative study using semi- structured interviews with principals , coordinators , teachers and students from 1st to 5th grade . Finally, we highlight the importance of considering the various aspects involved in school discipline not to address the issue of reductive or inconsistent .

Key Words : Discipline ; indiscipline ; Pedagogical Relationship, School .

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. *Professor Bonzinho= Aluno Difícil: a questão da indisciplina em sala de aula*. Petrópolis , R, J: Vozes, 2002 a.

ARROYO, Miguel G. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2004.

AQUINO, J. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. 8. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 39-55.
_____. (Org)- *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*.2.ed; São Paulo : Summus, 1996 .

BELLONI, MAGALHÃES e SOUZA. *Metodologia de avaliação em políticas públicas: uma experiência em educação profissional*. 3ªed, SP. Corte, 2001.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigações qualitativas em educação. In: *Investigação qualitativa em educação; uma introdução à teoria dos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. *Lei de diretrizes e bases da educação*. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1988.

BRASIL. *Estatuto da Criança e Adolescente-ECA* . Lei Federal nº8.068, Brasília, DF: Congresso Nacional,1990.

ESTRELA, M. T. *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. 3ª.ed, Portugal, Porto, 1994.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- GOIÁS. *Conselho Estadual de Educação*. Parecer nº 11 CEE/CP.
- GARCIA, J. Indisciplina na escola. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*. Curitiba, n. 95, p. 101-8, jan./abr. 1999.
- GARCIA, J. A gestão da indisciplina na escola. In: *Colóquio da secção portuguesa da AFIRSE/AIPELF*. Lisboa, Atas. 2002. p. 375-81.
- KONDER, Leandro. *O que é dialética*. 2a. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- LUDKE, Menga; ANDRE Marli. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: EPU, 1986.
- VASCONCELLOS, Celso S. *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. São Paulo: Libertad, 1993.
- _____. *Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente..* São Paulo: Cortez, 2009.
- VASCONCELOS, Maria L. M. C. A pesquisa como princípio pedagógico: discutindo a(in)disciplina na escola contemporânea. In: *(In)disciplina, escola e contemporaneidade*. Niterói: Intertexto. São Paulo: Mackenzie, 2001. p.9-26.